

VIDA DE ALUNO E ALUNO DA VIDA: CONSIDERAÇÕES SOBRE A ESCOLARIZAÇÃO A PARTIR DOS JOVENS ESTUDANTES

Gisele R. **Penatieri** – UENF

*As pessoas falam que a melhor escola é a vida,
mas a escola é muito importante pra vida!
(jovem estudante)*

A experiência escolar permeia grande parte das biografias, fazendo da escolarização uma experiência compartilhada entre as pessoas, mas com uma diversidade de vivências subjetivas. Os jovens alunos que estão no último ano do Ensino Médio se apresentam como os sujeitos que, mais recentemente, experimentaram a escolarização básica. A articulação de temáticas como a escolarização e juventude, numa perspectiva teórica de análise com base em estudos de natureza histórica; sociológica proporcionou, para a pesquisa que possibilitou este texto, um profícuo diálogo.

A investigação se propôs a um trabalho qualitativo que foi concretizado numa escola da rede estadual do município de Campos dos Goytacazes/ RJ. Teve os jovens como sujeitos privilegiados e suas relações/representações com a escolarização como objeto de estudo. A observação dos estudantes; a realização de 30 entrevistas individuais e, por fim, dois 2 focais compostos pelos jovens alunos se configuraram como as técnicas para a coleta de dados. O objetivo geral foi investigar as narrativas de jovens sobre suas experiências estudantis na Educação Básica, na tentativa de apreender os sentidos e significados da escola e da escolarização.

Verificou-se, entre os jovens estudantes pesquisados certa naturalização da escola, do papel de aluno (SACRISTÁN, 2005), que se surpreenderam ao constatarem seus longos anos de escolaridade:

Entrei com 3, nossa! (surpresa) 15 Anos na escola (arregala os olhos) Fala sério! (jovem aluna)

Estou há 12 anos na escola, é mesmo, caramba (risos) , 12 anos todo dia, nunca parei pra contar, pensar. 12 anos todo dia! (risos) Eu tô há 12 anos indo pra escola (...) (risos) Tem ideia! (jovem aluno)

Ser aluno, (silêncio), nossa, sei lá (risos). Agora você me quebrou. Acho que já nasce sendo aluno né! E nunca deixa de ser aluno porque tá sempre aprendendo alguma coisa. (...) É uma coisa normal da vida mesmo!(jovem aluna)

Diante desse dado, percebe-se a importância, a partir da base histórica, de se analisar a escola como constructo cultural, assim como verificar o recente acesso e

expansão/ampliação da escolarização básica no Brasil (SAVIANI, 2004; RIBEIRO, 2003)

Interessante observar que ao longo da trajetória escolar, a maior parte dos sujeitos participantes (20) apontou que a escola os “enxergou” como alunos e não como crianças ou jovens (CAMACHO, 2002). Outro fator que se agrega a essa constatação é o fato de que a escola não é sentida em seu tempo presente (de criança ou jovem), mas sempre como uma preparação, um vir a ser. Os momentos citados pelos estudantes como sendo de vivências juvenis na escola se referem a tempos e espaços da dimensão do encontro, presente no cotidiana da escola (DAYRELL, 2001) e não do currículo oficial.

Quando questionados sobre as funções da escola, os jovens se remeteram às seguintes opções: formar para o mercado de trabalho/vida profissional; prosseguimento de estudos; para o convívio social; preparo para o futuro em geral. Observou-se um forte atrelamento entre a escola e a formação para o mercado de trabalho.

Papel da escola? (pensativo) Muito importante pela questão do emprego. Você não pode brigar por nada, concorrer a nada, ter nada sem isso né. Tem que ter a escola e curso técnico, inglês, informática e tudo mais. Hoje em dia tá assim, tudo o que você puder fazer, meu amigo, tem que fazer, tem que encarar. (jovem aluno)

A formação cidadã, ponto defendido por muitos estudos como sendo foco da função social da escola e aclamado na legislação educacional como sendo uma das finalidades da Educação Básica, foi pouco analisada pelos participantes e, bastante remetida ao mercado de trabalho.

Ser jovem e estar concluindo a educação básica é uma configuração de diversos modos de viver os tempos sociais produzidos em torno da vida escolar, tensão não resolvida entre as demandas do presente e a “recompensa” incerta do/no futuro, dadas as restritas chances de continuidade de estudos no ensino superior e as crescentes dificuldades de inserção no mundo do trabalho (SPOSITO & GALVÃO, 2004).

Verificou-se características de um forte ideário neoliberal nos discursos dos entrevistados, que ingressaram na escola na segunda metade da década de 90. Situações como culpabilização individual; meritocracia; valorização da escola privada; naturalização das mazelas da escola pública entre outros.

Necessidade e obrigação foram os argumentos mais colocados quando questionado sobre suas trajetórias escolares.

Mesmo que a gente vá pra escola e não goste da escola, é preciso né, é um mal necessário. (...) Pra mim foi a Lei da adaptação e sobrevivência! (jovem aluno)

A sociedade obriga, tem coisas na vida que tem que se fazer mesmo e pronto! Prazer é meio difícil, é necessidade mesmo pro futuro, pode ser ou não uma obrigação porque se o cara não quiser ele não faz. Tem que pensar que é uma coisa normal mesmo, que tem que fazer. (jovem aluna)

A dimensão do prazer foi apontada sempre em associação às amizades; aos pares; à sociabilidade infanto-juvenil:

Olha, eu adoro estudar! Na verdade eu gosto de vir pro colégio, porque eu venho mesmo quando não tem aula (risos). Na verdade mesmo, eu acho que o que a gente gosta mesmo é de encontrar com os colegas! (jovem aluna)

Ao serem questionados sobre quais seriam as suas sugestões para tornar a escola/experiência estudante mais significativa, os jovens apontaram que a escola deveria ser um espaço mais agradável com música, por exemplo; que os professores deveriam faltar menos; que o ensino deveria ser mais dinâmico e interessante; que se deveria fazer uso das novas tecnologias nas aulas; que deveria haver mais rigidez e cobrança quanto à disciplina e quanto ao aprendizado, mas demonstrando preocupação com os jovens e não só cobranças infundadas; que não deveria haver provas e sim instrumentos avaliativos menos penosos; que deveria haver mais diálogo entre os atores da escola e os alunos; mais espaços de voz aos discentes e aulas de reforço.

Sobre as lembranças de situações mais marcantes vivenciadas na escola, destacam as amizades; as brigas; as discussões entre colegas ou com os professores; as reprovações; discriminação e preconceito quanto a etnia, timidez ou estilo de se vestir e se comportar.

O trecho de diálogo abaixo, oriundo de um dos grupos focais realizados enfoca inúmeros desdobramentos que emergiram da discussão dos e reflete a necessidade que os alunos demonstraram em querer uma maior aproximação quanto à escola, bem como o desejo em querer ser mais valorizado em suas potencialidades.

Jovem C: Acho que o que tá faltando é as pessoas: os professores, os políticos, as pessoas todas da sociedade acreditarem no aluno da escola pública. Porque pensam assim: ah, aluno de escola pública deixa pra lá, entendeu, não vai dar em nada mesmo! Não acreditam no nosso potencial

Jovem B: Com certeza! A gente até se sente inferior em relação a eles. (remetendo-se a alunos de escola particular próxima)

Jovem A: Eu não me sinto pior que eles dali não, é só me dá a mesma vida deles que eu mostro quem eu sou, mostro o meu valor, valeu!

Jovem D: A escola tinha que saber mais dos alunos, procurar mais, se aproximar mais da gente, das nossas necessidades.

O próximo trecho demonstra as cobranças e incertezas que recaem sobre o jovem estudante ao final da Educação Básica.

Jovem E - Até o ano passado não tinha muita preocupação. Aí chegou no começo desse ano e foi assim: você tem que fazer cursinho, entrar na faculdade, tem que arrumar um trabalho, você tem que se alistar no exército, você tem que ser bem sucedido.

Jovem F: Eu acho que é muita pressão, muita pressão mesmo. Tanto dos pais, quanto da sociedade que querem dizer: agora você cresceu, vai, agora se vira (risos) e você não tem quase nada ainda, não tem profissão, não tem dinheiro pra nada.

Jovem G: É, e se você não conseguir nada disso você é um fracassado!

Jovem F: Eu tenho medo de ficar parada dentro de casa, não ter emprego (...) O negócio hoje em dia, pô, tá muito difícil! (...)

Jovem I: Nosso maior medo é saber se nossos sonhos vão se realizar ou não. Porque em sempre depende só de nós como todo mundo pensa!

Ao que se pôde verificar, por meio de tantos detalhes relatados nas entrevistas, por vezes de forma emocionada, os estudantes não estão alheios ao que se passa à sua volta durante tantos anos de escolaridade como alguns podem pensar. Aprendem, de forma magistral, a desenvolver estratégias de relacionamento com seus professores(as) (PERRENOUD, 2005); seus pares e, aprendem cotidianamente a reconhecer àqueles que realmente acreditam e se preocupam com eles daqueles que não acreditam, que fazem “pouco caso”, que os desprezam, que os humilham.

Ao se analisar as considerações sobre a escolarização atual a partir das representações dos jovens observou-se que a escolarização e, por conseguinte, “a vida de aluno”, acaba por fazer parte da trama da constituição de suas subjetividades, seja como a criança do passado, seja como o jovem do presente, seja o adulto do seu tempo futuro de vida. Os aprendizados vivenciados ao longo de suas trajetórias escolares, para além dos conteúdos prescritos, transformam-os em “alunos da vida”, no sentido de que as experiências apreendidas no contexto escolar, sobretudo àqueles proporcionados à diversidade que permeia a vivência escolar, configuram-se como “lições” para suas vidas.

Ao concluir a Educação Básica, os jovens alunos apresentam visões diferenciadas sobre inúmeras situações vividas na escola e sobre diversos contextos vivenciados ao longo de sua própria trajetória estudantil. Experimentam a “*vida de jovem aluno*” afetada por variados aspectos, sobretudo, os efeitos da globalização; as exigências cada vez maiores do mercado de trabalho; entre outras, pondo em reflexão a própria função da escola na contemporaneidade, bem como o direito do cidadão a uma educação de qualidade.

Como o ser criança e o ser jovem apresentam-se grandemente associado, historicamente, à vivência do ser aluno (SACRISTÁN, 2005), à escola cabe a responsabilidade, ainda, do desafio de tornar os tempos e espaços escolares mais significativos para as crianças e jovens que são estudantes.

Os apontamentos finais da pesquisa estão em fase final de discussão e assumem a proposta de corroborar com tantos outros estudos sobre escola e juventude, ratificando algumas ideias, complementando outras.

Referências:

CAMACHO, Luiza Mitiko Yshiguro. A invisibilidade da juventude na vida escolar. In: *Perspectiva: revista do Centro de Ciências da Educação*. Universidade Federal de Santa Catarina. Volume 22, n. 2 – Florianópolis. Julho/dezembro 2004.

DAYRELL, Juarez. A Escola como espaço sócio-cultural. In: DAYRELL, J. (Org.). *Múltiplos Olhares sobre Educação e Cultura*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2001.

PERRENOUD, Philippe. *O Ofício de Aluno e o Sentido do Trabalho Escolar*. Porto: Porto Editora, 2005.

RIBEIRO, Maria Luisa Santos. *História da educação brasileira: a organização escolar*. 18ª Ed. Ver. e ampl. – Campinas, SP: Autores Associados, 2003.

SACRISTÁN, José Gimeno. *O aluno como invenção*. Tradução: Daisy Vaz de Morais. Porto Alegre: Artmed, 2005.

SAVIANI, Dermeval. O Legado Educacional do “Longo Século XX” Brasileiro. In.: Saviani, Dermeval. *O legado educacional do século XX no Brasil*. Campinas, SP: Autores Associados, 2004.

SPOSITO, Maríla Pontes; GALVÃO, Izabel. A experiência e as percepções de jovens na vida escolar na encruzilhada das aprendizagens: o conhecimento, a indisciplina, a violência. In: *Perspectiva: revista do Centro de Ciências da Educação*. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, v. 22, n. 02, p. 277-575, jul./dez. 2004.